

ILUSTRANDO O NOVO SINDICALISMO – Charges da Folha de S. Paulo no período de greves no ABC Paulista (Maio de 1978)

Fábio Donato Ferreira¹

RESUMO:

O presente artigo pretende analisar charges políticas que foram publicadas no periódico *Folha de S. Paulo*, no mês de maio de 1978, período em que ocorreu as greves de metalúrgicos nas empresas automobilísticas do ABC Paulista. Também pretende-se traçar a posição do jornal não somente perante os movimentos grevistas, mas também perante a ditadura civil-militar no qual o país se encontrava.

Palavras-chave: imprensa, charges, ditadura

O surgimento do novo sindicalismo

O ano de 1978 foi um período de mudanças, principalmente no meio sindical. A greve, ferramenta importante dos operários para garantir seus direitos, finalmente voltou a ser utilizada. Não era um golpe político nem panfletagem, e sim uma redescoberta de sua identidade como trabalhador e classe. A paralisação tem início na fábrica de caminhões da Scania, em São Bernardo, na segunda feira dia 8 de maio de 1978. Alguns trabalhadores espalharam a ideia, na quinta-feira, Luiz Inácio Lula da Silva, então secretário do Sindicato de Metalúrgicos, recebe a notícia que a Scania ia parar. “*Ele balançou a cabeça e continuou mexendo com uns papéis. Não perguntou nada. Ele estava sozinho na sala.*”²

No dia 12, a Scania funcionou diferente de outras greves que ocorriam no ABC, todas parciais e breves, enquanto que na Scania a paralização foi geral. Outras empresas no ramo automobilístico também entraram na greve, chegando a paralisar 10 mil trabalhadores³. O controle do trabalho estava nas mãos dos trabalhadores e pela primeira vez em muitos anos o patrão que tinha a ditadura ao seu lado, agora não podia fazer nada a não ser acatar aos pedidos dos trabalhadores.

1 Mestrando em História - Universidade Federal de Pelotas

2 Gilson Mendez, ferramenteiro, em setembro de 2004. Em depoimento a Ricardo Antunes. *A rebeldia do trabalho*, p 23. Citação presente no livro *A Ditadura Acabada* (2016) de Elio Gaspari, p 47.

3 Para “mais de 10 mil”, *Jornal do Brasil*, 19 maio de 1978. Dado presente no Livro *A Ditadura Acabada*, p 52.

Claro que a ditadura civil-militar, mesmo em processo de reabertura política ainda mostrava seu poder, o AI-5⁴ que terminaria no final do mesmo ano ainda dava temor aos trabalhadores, pois sentiram a mão pesada do governo militar.

A cassação dos direitos políticos e a instauração de inquéritos policiais militares contra os principais dirigentes sindicais cassados criaram, para os que conseguiram escapar à prisão imediata, a alternativa da clandestinidade ou do exílio. (BADARÓ, 2008)

Mas a resistência foi grande, e o governo militar acionando o SNI recebeu notícias de que as greves não eram violentas e sim politizadas e organizadas, assim o problema acabava no colo dos patrões. Surgia então o “Novo Sindicalismo”, com trabalhadores e sindicatos criando novas formas de luta e resistência à ditadura.

Os jornais da época mostravam as greves com teor revolucionário, marxismo e luta de classes passaram a ser assuntos recorrentes em colunas da *Folha de S.Paulo*. Embora muitos desses veículos apoiassem a ditadura civil-militar em seu início, essa aceitação não era algo consensual dentro das redações. Como diz Beatriz Kushnir em seu livro *Cães de Guarda – Jornalistas e censores*:

Nem tudo se explica só nesse jogo maniqueísta. Um dos intuitos desta reflexão é perceber uma atuação colaboracionista, realizada na grande imprensa, antes a imposição autoritária. (KUSHNIR, 2004, p. 39)

As charges que apresento, são feitas por autores que estavam vinculados às lutas trabalhadoras, não apenas como simpatizantes, mas vindo de famílias que sofreram e agora finalmente lutavam pelos seus direitos há muito tempo esquecidos.

AS CHARGES

O termo charge é da língua francesa, derivada do verbo *charger*, ou seja: carregar, exagerar ou até mesmo atacar violentamente⁵. Este tipo de arte sempre tem um alvo, algumas situações do cotidiano da população, algum evento político ou social que ocorreu de grande repercussão, ou até mesmo figuras famosas. A crítica ácida, política ou pessoal que os desenhos trazem com simplicidade e criatividade representa o registro de um protesto que consegue ser formal e ao mesmo tempo descontraído, alcança as massas e é na maioria das

4 Ato Institucional Número 5, ficou conhecido por acabar com direitos individuais e pela tortura.

5 No caso, uma carga de cavalaria. (FONSECA, p 26).

vezes democrático nesse riso, ou seja, sua expectativa é tornar fácil o entendimento para as mais diversas camadas da sociedade.

No Brasil, não temos muito a diferenciação entre Charge, Caricatura e História em Quadrinho, dentro da grande imprensa. Normalmente é utilizada uma quimera entre os três termos, vamos à definição deles segundo o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 1995, p.130 e 145):

Caricatura. S. f. Desenho que, pelo traço, pela escolha dos detalhes, acentua ou revela aspectos caricatos de pessoa ou fato.

Charge. S. f. Representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento público. [...].

A relevância que a caricatura tem na sociedade brasileira é muito significativa, pois configura como um ator social, assim como Jesus Martín-Barbero⁶ (1937) fala em seu "*Os Exercícios do ver*", onde diz que a imagem é o "cruzamento estratégico com certas tradições culturais de cada país" (MARTIN-BARBERO, 2001, p.41) tem a visão do brasileiro bem humorado, que crítica de forma mais ácida e sarcástica os males da nação. Dentro dos meios de comunicação não é a necessidade de corpos físicos, apenas símbolos que conversem com o público, com "capacidade de acelerar, amplificar e aprofundar tendências estruturais de nossa sociedade" (MARTIN-BARBERO, 2001, p.52).

Como ferramenta da análise destas figuras, uso o exemplo dado por Luiz Gonzaga Motta em seu livro *A Análise Crítica da Narrativa*, onde um modelo de três narradores é apresentado para o estudo: o primeiro narrador seria o jornal no qual a gravura foi impressa, qual é a posição editorial para tal acontecimento, no caso da ditadura empresarial-militar brasileira, *A Folha de S. Paulo* que apresenta um colaboracionismo. O segundo narrador seria o autor da ilustração, qual sua posição sobre determinado assunto, sua relevância no jornal, que tipo de relação o ilustrador tinha com o acontecimento e sua posição segundo a crítica humorística apresentada. O terceiro narrador é o personagem da charge, um político ou figura de grande notoriedade para o público do periódico. É necessária a identificação direta do último narrada com o público, sendo por conhecimento prévio, ou figuras que remetam ao cenário atual do país.

As charges presentes nesse mês de maio mostram o trabalhador e sua miséria, a falta de condições e de perspectivas antes das greves começarem. Ao estourar as paralizações do

6 Antropólogo e filósofo colombiano.

ABC temos os artistas como Arnaldo Angeli Filho ou simplesmente *Angeli* que foi artista contratado pela Folha em 1973 e ficando por 33 anos na produção de charges e tiras quase diárias. Outro colega de profissão seria Luiz Geraldo Ferrari Martins com o nome artístico reduzido pelos amigos e por ele mesmo como Luiz Gê⁷, ilustrador do jornal de 1976 até 1984, suas charges mostram a alegria das greves, as vezes certa confusão com os termos utilizados, mas o ar de positividade do humor pós-greves operárias por parte dos trabalhadores com um ar de esperança e mudança, é de grande contraste. Separo as charges que mostravam o mundo do trabalho de alguma perspectiva.



Figura 1: pássaro

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.929, p.3, 05 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

A charge do dia 5 de Maio é quase totalmente preta. O nanquim cobre quase que todo o espaço destinado para a ilustração, aparecendo apenas ao canto da imagem, um sabiá cantando, um pássaro branco em meio ao breu. A escuridão representa a situação do país. A coluna de Tristão de Athayde⁸ fala sobre o golpe dado em 1964, em como a preocupação política assumiu a social. E usando o discurso de Luís Inácio da Silva sobre a consciência do explorado, o colunista lembra que em 1918 foi proposto um Centro Industrial durante uma

7 Luiz Geraldo Ferrari Martins, ilustrador da Folha de 1976 até 1984.

8 Pseudônimo do literato, professor, escritor e colunista Alceu Amoroso Lima.

greve de operários, para que tivessem encontros diretos com o já então existente sindicato de operários, mas foi voto vencido. A ditadura militar já agonizava, e os cantos de sabiás isolados começam a ser ouvidos.



Figura 2: barco

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.931, p.2, 07 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

A ilustração de Angeli da figura 2 mostra a situação da população do país, não bastasse às enchentes no estado de São Paulo, ainda temos um pequeno e frágil barco de papel para manter o brasileiro a salvo, mostrando a precariedade pelo qual as classes mais baixas da população passava e a fragilidade das situações diárias do povo trabalhador.



Figura 3: Ulisses

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.940, p.3, 16 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

A charge acima é a primeira com relação direta aos movimentos ocorridos no ABC paulista, o foco não são as greves, mas sim o esquecimento do então deputado Ulysses Guimarães⁹ a classe operária, que não entra em momento algum em seu discurso de reformas ao MDB. Angeli, mais uma vez com seu humor ácido, mostra Ulysses tal qual o personagem lendário de Homero¹⁰, vendado para não ouvir o canto das sereias e não ser levado por elas. Diferente da lenda, o personagem retratado na charge não tem os ouvidos selados pela cera, tampouco está amarrado ao mastro da embarcação, mas sim vendado, cego aos direitos trabalhistas dando ouvidos apenas a quem quer ouvir. A analogia ao mito grego vem da coluna da qual a imagem está vinculada, de Almino Affonso¹¹. O colunista critica as reformas do deputado, que beneficiam vários setores da sociedade, mas o trabalhador e sua liberdade sindical são deixados de lado.

9 Advogado e político brasileiro que realizou críticas ferrenhas à ditadura militar e participou de todas as campanhas pelo retorno da democracia.

10 Poeta épico da Grécia Antiga.

11 Advogado e colunista da Folha de S.Paulo.

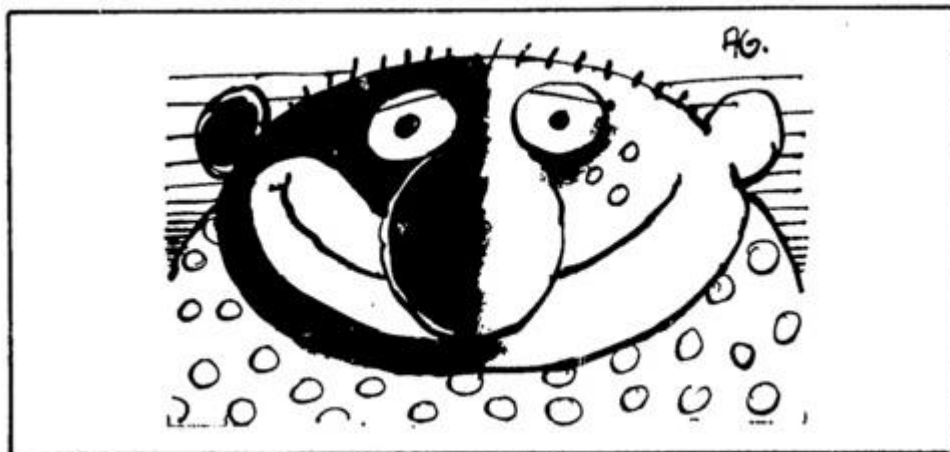


Figura 4: morenitude

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.945, p.3, 21 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

O sociólogo Gilberto Freyre¹² escreve em sua coluna do dia 21 de maio sobre o brasileiro como além raça. Diz que a "morenitude", termo utilizado pelo autor para a miscigenação da população brasileira, fosse acabar de vez com o racismo no país. De forma irônica, o colunista afirma que o racismo no Brasil está para acabar dentro de algumas décadas, pois o preconceito existente é o social, e não o racial. Em breve pessoas que moram na favela sofrerão preconceito por serem favelados e não pela cor de sua pele. Aqui temos um exemplo dos vários sobre marxismo e lutas de classes foram utilizados no jornal, dessa vez com humor, falando de sociólogos e antropólogos que ainda enxergam racismo no Brasil, como "fomentadores da luta de classes", e como os grandes vilões da história. A charge de Angeli acompanha a coluna mostrando um rosto sorridente, metade negro, metade branca, vivendo feliz e mostrando que sua miscigenação não é mais o principal problema de discriminação.

O novo movimento sindical influenciou também movimentos contra o racismo no ano de 1978. A linguagem marxista era utilizada com frequência nos manifestos políticos, com o jargão raça e classe. A crítica dos movimentos era das práticas coletivas e representações sociais dos próprios setores mais progressistas do país.

Realizado nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, em 1978, o ato do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) representou a forma de protesto social que o movimento negro no Brasil assumiria

12 Escritor brasileiro responsável pela obra Casa Grande e Senzala, 1933.

doravante, tomando os espaços públicos abertos como palco privilegiado de manifestações. (RIOS, 2011, p.42)

Na história do trabalho também temos Mike Savage¹³, dentro do livro *Culturas de Classes* (2004), que crítica a ideia de "classe". Mostrando que a união dos trabalhadores era apenas em pequenos momentos, a vida operária seria uma constante "insegurança estrutural", onde o trabalhador procuraria estratégias para uma vida melhor. Assim, ora se enxerga como uma classe, deixando de lado diferenças como o racismo que existia no mundo operário, ora voltando a seus interesses próprios.



Figura 5: quartinho

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.947, p.3, 23 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

Luiz Gê na ilustração acima (Figura 5) brinca com a palavra reforma, a reformulação trabalhista muitas vezes não era totalmente esclarecida para o trabalhador. O sindicalista queria seus direitos, os movimentos não possuíam grandes ideais políticos, os marxistas eram pouquíssimos, termos utilizados como reformas, e ideologias, não faziam parte do vocabulário dos trabalhadores de São Bernardo do Campo. A charge usa o linguajar simples

13 Mike Savage, comentarista político, escritor, apresentador.

do trabalhador, sentado no meio fio, sabendo que faz parte das reformas, mas não compreendendo a importância delas no processo político.

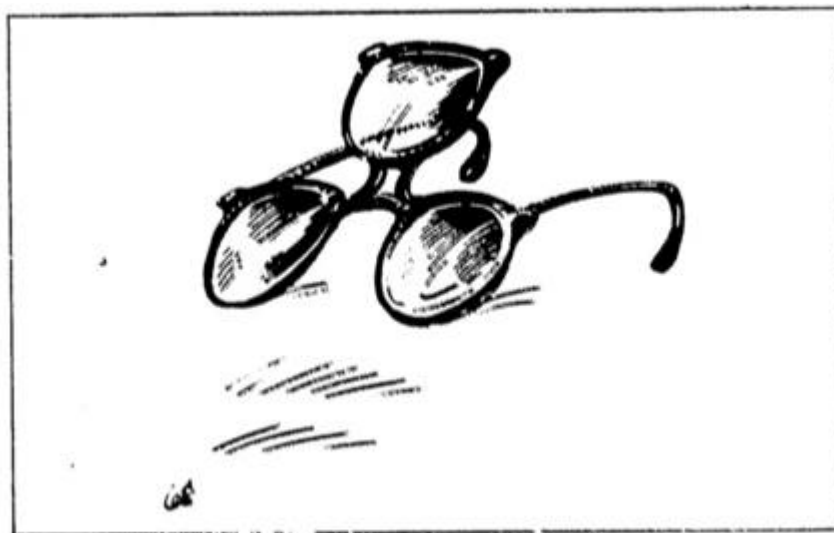


Figura 6: trinitarismo

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.950, p.3, 26 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

A charge acima, de Luiz Gê, faz uma brincadeira direta com a ideia de trinitarismos, escritas na coluna de Tristão de Athayde, católico, que conta que em tempos modernos, o esquema religioso de trindade, pai filho e espírito santo, vem se repetindo na ideia de Freud, de ego id e superego, e também nos pensamentos de Hegel, tese antítese e síntese, para finalmente nos pensamentos de Marx, o colunista diz que a mudança de poder da aristocracia, para a burguesia e então para o proletariado é um pensamento universal que passo natural da sociedade. As ideias de classe aparecem novamente na Folha como nunca apareceram antes. Luiz Gê dá uma terceira lente aos óculos, ou seja, uma nova visão, não mais binária, mas uma visão nova de novos tempos. Na caricatura soa de maneira estranha e cômica, mas não tão trágica quanto uma sociedade conservadora que não dá voz para a base.



Figura 7: ferramenta

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 17.952, p.3, 28 de Mai. 1978. Acervo: Folha de S.Paulo

A coluna que acompanha o desenho chama-se "Os Trabalhadores e a Democracia", escrita por Fernando Henrique Cardoso¹⁴, e mostra de forma quase apaixonada que os movimentos sindicais, alegando que apenas os pobres de espírito e os conservadores ricos não estão animados com as greves e com as mudanças. Democracia virá em breve, está em nossas mãos. A charge traz um trabalhador dedilhando sua ferramenta de trabalho, em tom animador como a coluna, Angeli desenha notas saindo do instrumento, mostrando que não apenas o trabalhador tem nas mãos seu trabalho, como uma autonomia de fazer o que quiser a democracia já vem.

As ilustrações do mês de maio de 1978 não são de exclusividade dos protestos e greves do ABC, mas nos mostram pouco da posição do jornal *Folha de S. Paulo*, sobre os acontecimentos e um pouco da reflexão de colunistas e pensadores do período sobre um novo horizonte que aparece nascer com o período final da ditadura empresarial-militar no Brasil.

14 Ex-presidente da República, escritor, sociólogo e professor universitário.

REFERÊNCIAS:

Figura 1: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Sexta – 05 de Maio de 1978, p 3
Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/05> Acesso 27/09/2017

Figura 2: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Domingo – 07 de Maio de 1978, p 2
Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/07> Acesso 27/09/2017

Figura 3: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Terça – 16 de Maio de 1978, p 3
Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/16> Acesso 27/09/2017

Figura 4: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Domingo – 21 de Maio de 1978, p 3
Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/21> Acesso 27/09/2017

Figura 5: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Terça – 23 de Maio de 1978, p. 2
Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/23> Acesso 27/09/2017

Figura 6: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Sexta – 26 de Maio de 1978, p 3
Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/26> Acesso 27/09/2017

Figura 7: Acervo Folha de São Paulo. Primeiro Caderno. Domingo – 28 de Maio de 1978, p 3
Disponível em <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1978/05/28> Acesso 27/09/2017

BATALHA, Cláudio M., SILVA, Fernando T. da, e FORTES, Alexandre (orgs.). **Culturas de classe**. Campinas: Unicamp, 2004.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda - Jornalistas e censores, do AI-5 À Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e Sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RIOS, Flavia. **O Protesto Negro no Brasil Contemporâneo (1978-2010)**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n85/a03n85.pdf> Acesso 27/09/2017.